

DS

ARTIGO

O AGRO E O GOVERNO

Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) a demanda global de alimentos deverá aumentar perto de 70% até 2050. Acontece que o Brasil é um dos únicos países do mundo em condições de atender uma grande parte desta demanda. Temos água, terra, clima e estabilidade religiosa e política. Aí entra o papel dos próximos governantes. Pensando na segurança alimentar não só do Brasil, mas do mundo, o desafio é produzir mais, sem desmate ilegal, conservando ou melhorando o ambiente e com justiça social. Neste ponto estamos na frente, com o Código Florestal e a regulamentação do trabalho rural. Outro ponto que coloca o Brasil na vanguarda é o programa ABC+, Agricultura de Baixo Carbono, que existe, mas ainda precisa chegar mais efetivamente ao campo.

Para que o Brasil continue na liderança dessa revolução verde, é fundamental que o agronegócio esteja preparado, com os instrumentos corretos, planejamento, estratégia e investimento em infraestrutura e pesquisa. Precisamos produzir mais na mesma terra, aumentar a produtividade. Embora alguns agricultores e pecuaristas consigam produtividades muito altas, como se observa em concursos de produtividade máxima, a média precisa melhorar. Ainda temos muitos agricultores produzindo bem menos do que poderiam. Aí entra a Extensão Rural, assistência técnica, que foi praticamente desmontada em muitos estados. Então são duas frentes a serem atacadas: melhorar a tecnologia para quem já a emprega, e fazer chegar à tecnologia aos que ainda não estão familiarizados.

Gargalos importantes precisarão ser ainda vencidos, como a melhoria da infraestrutura de transporte e de armazenamento, ampliação e facilitação do acesso ao financiamento de safras e seguro agrícola, entre outros.

Outro ponto fundamental: é urgente que o governo passe a enxergar o agronegócio como ele é – produtivo, amigo da natureza, eficiente

a tecnologia para quem já a emprega, e fazer chegar à tecnologia aos que ainda não estão familiarizados.

Gargalos importantes precisarão ser ainda vencidos, como a melhoria da infraestrutura de transporte e de armazenamento, ampliação e facilitação do acesso ao financiamento de safras e seguro agrícola, entre outros.

Outro ponto fundamental: é urgente que o governo passe a enxergar o agronegócio como ele é – produtivo, amigo da natureza, eficiente. É imperioso que se abandone o discurso ideológico. Pequenos, médios e grandes produtores, cada um tem seu papel na produção, e não são exclusivos. É necessário que os produtores tenham segurança jurídica para investir e produzir. Quem alimenta o mundo é a agricultura convencional, mas outros métodos de produção como agricultura orgânica, biodinâmica e suas variações têm seu lugar, seu nicho de consumo, então todos os tipos de produção são importantes.

Enfim, seria importante que o novo ministro da agricultura continue o bom trabalho que vem sendo desenvolvido nos últimos 20 anos. É fundamental que o ministro tenha a confiança dos produtores. Um ministério que busque novos mercados, pois não podemos depender tanto da China. Precisamos conquistar mercados mais sofisticados, e mais exigentes.

Ciro Rosolem, membro do Conselho Científico Agro Sustentável e Professor da Faculdade de Ciências Agrônômicas da UNESP

JORNAL DIÁRIO DA SERRA

Propriedade da AJOTA

ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA

CNPJ: 29.464.235/0001-16

Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque Mansões
78302-028 Tangará da Serra-MT

ISSN 22386467

REDAÇÃO

DIREÇÃO DE JORNALISMO

Fabiola Tormes

CONTATO

ds@diariodaserra.com.br

Envie Pautas, Fotos Sugestões e Vídeos para o whatsapp do

DIÁRIO DA SERRA

(65) 3326-4724

www.diariodaserra.com.br

www.ds.jor.br

TIRAGEM

1 MIL EXEMPLARES

CIRCULAÇÃO

Tangará da Serra, Nova Olímpia, Barra do Bugres, Porto Estrela, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Denise, Arenópolis, Nortelândia e Santo Afonso.

CENTRAL DO ASSINANTE

(65)3326.6501

DEPARTAMENTO COMERCIAL

PUBLICIDADE ASSINATURA

PUBLICIDADE LEGAL

Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA

SERVIÇOS GRÁFICOS

E. Tormes e Cia. LTDA

CNPJ: 14.048.123/0001-07

CONTATO: adm@diariodaserra.com.br

Fone: (65) 3326-4724

Diário da Serra

FUNDADO EM 11 DE NOVEMBRO DE 1996

EDIÇÃO ON-LINE DESDE 06 DE SETEMBRO DE 1997

Endereço: Av. Tancredo Neves - 1247 W

Parque Mansões - CEP:78300-000

Tangará da Serra - MT - Brasil

www.facebook.com/jornalds

@diariodaserra

RELATÓRIO DO BANCO MUNDIAL

Extrema pobreza do Brasil cai para a mínima histórica



Na foto, famílias de baixa renda recebem doações de marmitta, em Curitiba (CRÉDITO HAMILTON FERRARI)

Relatório mostra que a taxa do país foi a que mais recuou na América Latina

Poder 360

A extrema pobreza do Brasil caiu para o menor patamar da série histórica, iniciada em 1980. Relatório do Banco Mundial mostrou que a taxa do país foi a que mais recuou na América Latina no ano.

As pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza eram 5,4% da população em 2019. A taxa caiu para 1,9% em 2020, o que corresponde a uma redução de 3,5 pontos percentuais.

Em quantidade, o número passou de 11,37 milhões para 4,14 milhões de brasileiros no período. Ou seja, 7,23 milhões saíram desta situação.

O Banco Mundial considera em extrema pobreza as pessoas que recebem até US\$ 2,15 por dia. Em 2020, um número maior de pessoas passou a receber o auxílio emergencial por causa da pandemia de covid-19. O valor médio do benefício aumentou em comparação com o Bolsa Família.

A porcentagem caiu ainda mais em 2021 e 2022, já que mais pessoas passaram a receber o Auxílio Brasil.

O país mais próximo de chegar a essa redução na

América Latina foi o Paraguai, que diminuiu de 1% para 0,8% –uma queda de 0,2 ponto percentual.

O Brasil também foi o país da América Latina que mais reduziu a extrema pobreza de 2016 a 2020. Caiu 2,8 pontos percentuais, de 4,7% para 1,9%.

A 2ª maior queda foi da Bolívia, de 5,6% para 3,1%. Dentre os países selecionados –os mais relevantes economicamente–, a maior taxa de extrema pobreza é da Colômbia, com 10,8%. Peru (5,8%) e Bolívia (3,1%) completam o pódio. O percentual do Brasil é maior que o da Argentina (1,1%), do Paraguai (0,8%) e do Chile (0,7%).

AUXÍLIOS E RESPONSABILIDADE FISCAL

Ecio Costa, professor de economia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) disse que o auxílio emergencial e outros benefícios estaduais foram programas muito importantes para a população.

De acordo com o analista, o Bolsa Família ajudou a reduzir a pobreza no Brasil no século 21. Mas, depois de 2014, com a crise econômica do governo Dilma Rousseff (PT), houve uma elevação da taxa. Estava em 3,3% no ano de reeleição da petista e subiu para 5,4% em 2019.

“O auxílio emergencial foi bem focalizado nas famílias mais vulneráveis e informais, que eram o público-alvo do Bolsa Família”, disse. “Em 2020, não houve nenhum outro fator que explique essa queda

[da pobreza]. Pelo contrário, foi um período de queda do PIB e as transferências de renda foram as únicas justificativas plausíveis para que isso tenha acontecido”, completou.

O professor afirmou que, em 2021 e 2022, a inflação mais alta levou a um crescimento na taxa de pessoas abaixo da linha da pobreza. Ele descartou, porém, uma expansão que volte ao nível de 2019 (5,4%), porque o Auxílio Brasil está sendo usado e é mais abrangente.

Ele ressaltou que, o país melhorou os números, enquanto a América Latina registra aumento das taxas. Destacou que a pobreza na Argentina está em tendência de alta e a Colômbia dobrou os níveis de miséria.

Ecio afirmou que, independentemente do nome do benefício, é importante que o Brasil tenha programas de transferência de renda para ajudar as regiões mais pobres.

“Precisa ser um programa de Estado, independentemente de qual seja o governo. A gente consegue erradicar a pobreza com a transferência de renda. É importante que se tenha também responsabilidade fiscal”, disse o professor.

Ele afirmou que o governo que cria deficit nas contas públicas provoca inflação alta. “É um tiro no pé. Não ajuda as camadas mais pobres da sociedade se a inflação estiver muito alta, corroendo os valores do auxílio”, disse Ecio.